



INTELLECTUAL

Sem pompas

Desaparece um autor essencial.

■ “A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.”

Assim Sérgio Buarque de Holanda começou, em 1936, o primeiro capítulo de seu primeiro livro: *Raízes do Brasil*. Ele tinha, então, apenas 34 anos e inscrevia-se definitivamente no rol dos mais importantes pensadores e estudiosos da sociedade brasileira. Como tal — embora gostasse de lembrar, desde o final da década de 60, que era agora apenas “o pai do Chico” — morreu em São Paulo, dia 24, pouco antes de completar oitenta anos. Um intelectual célebre, mas modesto e discreto, cercado de filhos célebres, Sérgio Buarque de Holanda fez valer sua vontade contra as pompas fúnebres: velado apenas pela família e por amigos chegados, seu corpo foi cremado no Cemitério de Vila Alpina, depois de rápida cerimônia religiosa.

Para entender um país — Conta o folclore intelectual que para encontrar o clássico *Raízes do Brasil* nas precárias livrarias do país basta dirigir-se à seção



Sérgio Buarque de Holanda (1902—82)

de botânica. Sérgio Buarque de Holanda gostava dessa brincadeira: humor e ironia foram marcas de sua personalidade e atuação intelectual. Falando sobre sua crítica literária, por exemplo, dizia ter feito aquilo “apenas como ganha-pão”. Não mencionava que com esses trabalhos — reunidos no volume *Cobra de vidro* — se antepôs à “nova crítica” trazida ao Brasil por Afrânio Coutinho...

Exemplo de humor é também a polêmica que o poeta Cassiano Ricardo tentou travar com ele sobre a expressão “homem cordial”, contida em *Raízes do Brasil*. A um enorme artigo do poeta, Sérgio Buarque respondeu com uma carta breve, justificando-se: “Confesso sem vergonha, e também sem vanglória, que

não me sinto à vontade em esgrimas literárias: sou capaz de largá-las ao meio do caminho por impontualidade, por preguiça ou por inépcia”. Sustentou seu ponto de vista e despediu-se “cordialmente”.

Sérgio Buarque de Holanda chegou a admitir, em 1976, que esse seu primeiro e clássico ensaio estava superado. Contudo, *Raízes do Brasil* continua compondo — com *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr. — o tripé das obras fundamentais que primeiramente abordaram com visão moderna os problemas da nação brasileira.

Um historiador alerta — Nascido em São Paulo em 11 de julho de 1902, de tradicionais famílias pernambucana e carioca, Sérgio Buarque de Holanda já era intelectual considerado aos dezessete anos, quando Afonso de Taunay o levou a escrever críticas literárias no *Correio Paulistano*. Amigo dos modernistas de 22, não participou da Semana de Arte Moderna, pois estava estudando Direito no Rio de Janeiro, mas lá representou a revista *Klaxon* e fundou outra, *Estética* (1924), com Prudente de Moraes Neto.

Logo que terminou seu curso superior, após trabalhar como promotor no Espírito Santo, Sérgio viajou para a Alemanha, trabalhando como correspondente para jornais cariocas. No contato com a cultura germânica, desenvolveu as idéias que seriam básicas para sua futura obra de historiador: chegou, inclusive, a admitir a forte influência que sofrera dos estudos sociológicos de Max Weber. História, economia, cultura luso-brasileira e literatura comparada seriam campos em que trabalharia como professor e em que produziria sua obra. Além de *Visão do paraíso: motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* — trabalho de profunda erudição que é considerado sua obra-prima —, entre outros, a monumental *História geral da civilização brasileira*, que deixou inacabada. Sofrendo de câncer nos pulmões, recuperando-se de uma pneumonia, Sérgio Buarque de Holanda sentia-se bem na manhã de sábado, 24 de abril. Pediu ao enfermeiro que o atendia para levá-lo à biblioteca, disposto a mexer em três ou quatro obras já iniciadas. Ao movimentar-se, caiu fulminado por um ataque cardíaco. □